



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

Rysian Lohse Monteiro ¹
Luciana da Silva Almeida ²
Eliana Crispim França Luquetti ³

RESUMO

Nos últimos anos, de acordo com Juchum (2014), no Brasil, alguns pesquisadores (FISCHER, 2007; MARINHO, 2010; FIAD, 2011) vêm demonstrando uma maior preocupação em relação à leitura e à escrita dos alunos que ingressam na universidade, nessa perspectiva, o presente trabalho foi realizado no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e buscou investigar como ações da universidade podem melhorar a relação de seus alunos com a leitura e a escrita. Optou-se por um trabalho exploratório, recorrendo a uma pesquisa qualitativa e a aplicação de dois questionários. Realizou-se também uma revisão bibliográfica sobre o tema. Os resultados obtidos mostraram que os alunos têm medo de escrever e vergonha de mostrar o que escrevem para outras pessoas, entretanto, as ações promovidas por projetos na universidade, como o “Escrita Solidária” surtiram o efeito de melhora na relação que os alunos têm com a escrita, evidenciando assim que a universidade precisa trabalhar de forma colaborativa com seus alunos para proporcionar-lhes uma experiência significativa de letramento.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta os resultados de uma investigação realizada no âmbito do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. A pesquisa foi realizada dos anos de 2014 a 2018.

No referido curso, por alguns anos seguidos foi verificado recorrentes dificuldades dos alunos ingressantes para realizar atividades acadêmicas que

¹ Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, rysianmonteiro@gmail.com;

² Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, almeida.92luciana@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, elinafff@gmail.com.



envolvessem a escrita autoral, muitas vezes até demonstrando medo de escrever. Assim como ocorreu com as professoras do Ensino Fundamental em uma turma do Curso de 1ª Licenciatura em Pedagogia do PARFOR – Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, no primeiro semestre de 2011, conforme apresenta Corrêa (2014) em sua dissertação de mestrado intitulada “O medo de escrever: problemas da autoria narrativa entre alunas/professoras do PARFOR/UENF”.

Em uma turma com vinte e seis professoras matriculadas, vinte e duas (84,6%) evidenciaram algum sentimento negativo em sua relação com a escrita. O medo de escrever “errado”, foi recorrente na sondagem feita. Como geradoras de insegurança, a ortografia e a gramática foram igualmente citadas, sendo relacionadas ao *branco* na hora de escrever alguma coisa que seria lida por alguém. Porém, 50% delas declararam que escrever para si mesmas era algo mais fácil, que lhes dava prazer ou lhes permitia desabafar ideias e sentimentos (CORRÊA, 2014). A partir desses resultados, presumiu-se que a universidade, aparentemente, estava sendo encarada por seu público como a geradora de seus receios e dificuldades, pois o maior problema das professoras era considerar que esta escrita seria avaliada. Diante desse questionário, foram iniciados seis projetos de pesquisa, dois deles concluídos, com os objetivos de investigar o medo de escrever por um lado e/ou autoria escrita, que formaram a base para constituir o Grupo de Pesquisa/CNPQ “Escrita: poder e subjetividades”.

Assim, houve a idealização do projeto PIBID - Escrita Solidária que visou construir um *lócus* de discussão em torno da naturalização do medo de escrever que, de maneira paradoxal, ocorre em qualquer nível de escolaridade e, se dá em silêncio, fazendo com que tanto estudantes de pedagogia quanto professores dos primeiros níveis de ensino acreditem que os pares dos níveis seguintes não têm os mesmos receios e dificuldades.

Na presente pesquisa, buscamos entender, através da aplicação de questionários, de que maneira as atividades propostas pelo PIBID: Escrita Solidária, assim como de outros projetos presentes na universidade, influenciaram os alunos em sua relação com a escrita autoral. Diante disso, essa pesquisa se justifica pela importância em se compreender a recusa em relação à escrita autoral e quais dos seus aspectos podem interferir na ação docente de organizar e aplicar atividades textuais em sala de aula.



A pesquisa nos mostrou que os futuros professores, aqueles que em breve poderão estar alfabetizando e estimulando práticas de leitura e escrita, têm medo de escrever, têm vergonha de mostrar o que escrevem para os outros, se sentem nervosos e ansiosos com situações que envolvam a escrita autoral.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com os discentes do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, do ano de 2014 a 2018.

A escolha do curso de licenciatura em pedagogia se deu pela importância da leitura e da escrita na formação, tanto do educando quanto do educador, pois através delas acreditamos poder construir uma sociedade com pessoas mais críticas, participativas e questionadoras. Sobre isso, Kramer (1999) diz que:

(...) cada vez se enfatiza mais a necessidade de aprender a ler e a escrever e não a importância de aprender com a linguagem, com a leitura, com a escrita, compreendidas como experiências, como práticas sociais e culturais, mais do que como práticas escolares. A escola tem a obrigação de assegurar a todos o acesso ao conhecimento e, nesse sentido, garantir condições para práticas reais de leitura e escrita é seu dever. Por outro lado, entendemos que a formação é direito e a concretização de práticas de leitura/escrita precisa ser parte da formação de professores. Nesse processo, aprender com a experiência, rever a própria trajetória com a leitura e a escrita, reler aquilo que foi escrito em cada um de nós — e não só aquilo que aprendemos a escrever e a ler — podem se constituir em ações formadoras da maior importância (Kramer, 1999, p. 150-151).

A abordagem atribuída ao problema a ser investigado, foi a Pesquisa Qualitativa. De acordo com Gil (1991), a pesquisa qualitativa considera a dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um elo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade que não podem ser traduzidos em números.



Para a elaboração da pesquisa, utilizamos os seguintes procedimentos: a revisão bibliográfica e a aplicação de questionários.

A ESCRITA NA UNIVERSIDADE

É preciso reconhecer que o aluno é aprendiz da escrita na esfera acadêmica, sendo imprescindível que ele seja visto como sujeito de linguagem, como realmente é. Entretanto, alguns professores projetam nos textos dos alunos expectativas não compatíveis com suas experiências e conhecimentos sobre esses gêneros.

Os alunos que ingressam nas universidades vêm de uma realidade em que não há o tão necessário estímulo à construção do conhecimento. Pelo contrário, até o ensino médio, o estudante brasileiro é, via de regra, treinado para memorizar e repetir fórmulas que, se devidamente apreendidas, serão sua chance de aprovação no exame vestibular, o que adviria ideologia de dominação, autoritária, que predomina na escola do mundo capitalista (CHAER, et al, 2011, p. 251).

Segundo Fiad (2011), nos anos 1980, nas discussões sobre a escrita na universidade uma pergunta frequente era a seguinte: por que os estudantes chegam à universidade “sem saber escrever”? De acordo com a autora, se a pergunta podia ser essa naquele tempo, hoje não pode mais ser a mesma. “Não é mais possível dizer que os estudantes não sabem escrever, de modo genérico e absoluto” (FIAD, 2011, p. 360).

Se, anteriormente, podia-se ver o desempenho na escrita como habilidades individuais de ler e escrever, adquiridas principalmente na escola básica, hoje é necessário situar qualquer prática envolvendo leitura e escrita em um contexto sócio- histórico cultural específico.

De acordo com Fisher (2007), trazendo essas reflexões ao ensino superior, diversas questões diferenciam o meio acadêmico de outros contextos de ensino. Já para Marinho (2010), essa dificuldade ou lacuna de saber costuma ser simplificada por outra crença subjacente aos discursos correntes segundo a qual basta aprender e treinar um conjunto de estratégias textuais, de conteúdos gramaticais, de regras e convenções típicas do texto acadêmico para que essas



dificuldades sejam resolvidas.

Geraldi (2008) também trata de questões pertinentes à produção de textos. E ao pensar saídas para os problemas relacionados a ela, lembra que a produção de textos ainda no ensino fundamental foge totalmente ao uso da língua, ou se dá em uma situação de emprego da língua artificial, uma vez que os estudantes escrevem exclusivamente para um único leitor: o professor, que corrigirá essa produção para dar nota (GERALDI, 2008, p.65). Dessa forma, esse aspecto artificial do uso da língua, colabora para que estudantes apresentem dificuldades, mesmo aqueles que possuem alto nível de escolaridade.

Marques (2008, p.81) argumenta que “as resistências ao ato de escrever são aliás, comuns mesmo entre os que a ele se dedicam de forma acentuada.” Escrever não é uma tarefa fácil, trata-se de uma atividade complexa e que produz novos significados as nossas ações e compreensões. Apresentam questões sobre nós mesmos que não nos pareciam claras e que por meio do registro demonstram nossas incompreensões e limitações.

Da mesma forma que escrever é preciso e princípio para fazer pesquisa, como defende Marques (2008), estar envolvido na escrita é essencial para argumentar de forma coerente e articulada. Nas palavras de Marques (2008, p.44) “não é a escrita mera transcrição gráfica da fala, mas negociação de sentidos com interlocutores outros, que, pelo fato de serem apenas potenciais, se fazem mais exigente e fazem da página que se escreve lugar mais amplo dos muitos sentidos virtuais.” Esse argumento nos possibilita compreender a dificuldade encontrada no processo de criação escrita, pois não se trata somente de escrever o que estamos pensando, mas sim, de trazer as ideias do plano mental para o físico.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DOCENTE NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

Partindo do pressuposto de que a partir da formação dos professores também serão formados novos sujeitos, é importante discutirmos o papel da leitura e da escrita na formação docente.



Considerando que, para tornar seus alunos e alunas leitores e pessoas que gostem e queiram escrever, os professores também precisam se relacionar intimamente com a linguagem, vivenciando práticas de leitura e escrita em seu dia a dia, destacamos que:

Como é possível a um professor ou a uma professora que não gosta de ler e de escrever, que não sente prazer em desvendar os múltiplos sentidos possíveis de um texto, trabalhar para que seus alunos entrem na corrente da linguagem, na leitura e na escrita? Inversamente, se o professor ou professora gosta de ler e de escrever, se é contador de casos e de histórias, o que (na sua trajetória de vida) favoreceu esse gostar, essa prática? Que relação professoras e professores têm com a linguagem no seu cotidiano? O que contam, leem, escrevem? Como ocorreu essa relação com a escrita ao longo de suas histórias de vida construídas na coletividade? De que maneira esta experiência acumulada influencia a relação desses professores com seu trabalho? (KRAMER E SOUZA, 1996, p.18).

Ressaltando a importância que damos à escrita, estas questões se tornam centrais, principalmente quando pensamos na formação de professores e professoras. Os futuros profissionais precisam gostar de ler e não ter medo ou vergonha de escrever.

Cabe destacar também que a perpetuação dessas dificuldades e receios da escrita vivida pelos docentes pode acarretar consequências negativas, visto que isso possivelmente atingirá seus alunos, gerando um ciclo vicioso de pessoas com problemas em relação à escrita.

Muitas vezes, os professores das escolas são vistos como pessoas que não têm hábitos de leitura e escrita, o que colabora para que eles sejam considerados os responsáveis pela falta de interesse do aluno em relação à leitura e à escrita. Esta perspectiva, certamente, deslocada de sua historicidade, não considera o fato de o professor também ser oriundo das mesmas políticas de formação a que o aluno está submetido nesse momento.

Kramer (1999) também destaca que precisamos formar leitores críticos, para assim consolidarmos a cidadania. E que “a formação de leitores passa também pela ampliação do seu espectro cultural e de informações como o acesso a bibliotecas, exposições, feiras de livros, museus, teatros, cinemas, espetáculos musicais e de dança.” (p.135) De acordo com a autora, as políticas educacionais deveriam priorizar políticas públicas de investimento em leitura, escrita e cultura.



Pois, é no professor que se depositam as esperanças de ainda se ter uma sociedade de leitores. Porém, não se pode negar a importância da leitura e da escrita na formação, tanto do educando quanto do educador, pois através delas acreditamos poder construir uma sociedade com pessoas mais críticas, participativas e questionadoras.

Nas palavras de Freire (1996, p.23) que diz que “desde os começos do processo de formação, vai ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”, refletimos acerca dos processos de formação de professores, tanto iniciais quanto contínuos. Estes são construídos e perduram por toda a vida do professor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa acompanhou dezessete alunos do curso de pedagogia do ano de 2014 ao ano de 2018. A análise do primeiro questionário nos mostrou que, dos dezessete alunos, quinze são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Desses, doze vieram da rede pública de ensino e cinco da rede particular.

Quando perguntados se na época da escola participaram de algum projeto que visava promover a escrita, 47% disseram que sim. Sobre terem tido o hábito de escrever diários ou blogs, 41% também responderam afirmativamente.

Um ponto importante é que, quando questionados se acreditavam que a relação deles com a escrita ao longo da vida influenciou em seu desempenho acadêmico atual, 100% dos entrevistados responderam que sim, dos quais 23% ressaltaram que os problemas que possuem hoje em relação a escrita são fruto de dificuldades que começaram na escola.

Sobre isso, apresentamos as respostas das alunas A e B:

Aluna A: “Sim. Se eu tivesse tido uma relação melhor com a escrita, hoje eu teria menos dificuldade na elaboração dos trabalhos acadêmicos.”

Aluna B: “Com certeza, se ainda tenho alguma dificuldade é sinal do reflexo da minha vida escolar.”

Indagados se já tiveram que ler algo que escreveram em voz alta para turma e como se sentiram, apenas 11% declararam não ter problemas com a situação; entre os



outros 89%, as palavras citadas para definir como se sentiram foram: nervoso, vergonha, receio e dificuldade.

Quando questionados sobre como se sentem quando um professor pede um trabalho escrito, os sentimentos mais citados foram: insegurança, ansiedade, preocupação e bloqueio.

Ao longo dos anos a universidade, através de seus projetos ofertou diversas atividades para esses alunos, tais como:

- Minicurso “Autoestima”;
- Minicurso "Um novo autor: você”;
- Minicurso “Criatividade”;
- Minicurso “Fábulas Fabulosas”;
- Jogo da Vírgula;
- “Escrita e Teatro” com o Grupo Oficina de Textos Terra da Alegria: Os Interpretres da Alegria (GOTTA);
- “Retórica: o efeito do escrito no leitor.”

Os principais objetivos desses minicursos foram: praticar o reconhecimento social de si e do outro; compreender e praticar a escrita como dimensão humana de comunicação expressiva; desbloqueio mental e afetivo quanto à associação e recombinação de fatos e ideias; estimular a criatividade; melhorar o autoconceito em relação a escrita; expansão do conhecimento sobre o tipo textual narrativo e gramatical.

Após participarem das ações do projeto, houve a aplicação do segundo questionário e ao serem perguntados se as atividades ajudaram a melhorar a escrita, 16 alunos disseram que sim. Além disso, muitos também citaram que perceberam melhoras em seus textos acadêmicos e em textos narrativos e argumentativos.

Em relação a essa pergunta, a Aluna A diz:

Aluna A: “Sim. As ações do projeto me fizeram perceber que escrever não é um “bicho de sete cabeças” e que eu só começaria a escrever bem quando eu desenvolvesse confiança para fazer tal coisa. Melhorei muito nos tipos narrativo e discursivo.”

E, quando questionados se atualmente se sentem mais seguros para escrever, o resultado foi muito promissor.



Sobre isso, apresentamos as respostas das alunas A, B, C e D:

Aluna A: “Antes eu sentia muito medo e tinha dificuldade para escrever, mas hoje tenho mais segurança, me sinto mais preparada.”

Aluna B: “Hoje me sinto mais confiante na escrita.”

Aluna C: “Me sinto mais segura sim!”

Aluna D: “Nunca tive medo, porém sentia sim muita segurança, através do Pibid isso diminuiu.”

Além disso, a maioria dos bolsistas afirmou também que conhecer os tipos textuais contribuiu para desenvolverem autonomia e confiança na hora de escrever, além de ampliar seus conhecimentos sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da concepção de que o domínio das práticas de escrita é essencial para futuros professores, este estudo visou discutir a formação docente pelo prisma da linguagem com enfoque na escrita.

Questões relacionadas à formação de professores têm sido objeto de estudo de muitos estudiosos da educação. O que se nota é uma necessidade cada vez maior com relação à formação continuada do professor, já que, no campo educacional, as mudanças são cada vez mais intensas, de forma que só a graduação não consegue dar conta das necessidades que, na prática, vão surgindo.

Sendo assim, a proposta do projeto Escrita Solidária se apresentou muito acertada, visto que o medo de escrever é real e está presente no dia a dia dos futuros professores. Portanto, este é um problema que merece atenção e deve ser vencido na formação de professores.

Além disso, notamos a evolução dos alunos participantes através de suas produções escritas apresentadas a cada oficina, assim como no comportamento na hora de expor suas ideias e textos para os outros colegas e nas mudanças de respostas de um questionário para outro.

Creemos assim, que existe a possibilidade de mudar positivamente a relação que os futuros docentes têm com a escrita, através de um trabalho a longo prazo, que



envolve a autoestima, o autoconceito, o desbloqueio, a criatividade, a autonomia e a ampliação de projetos relacionados a leitura e a escrita nas universidades. Portanto, através desse trabalho de pesquisa, estamos contribuindo para uma discussão que é de extrema relevância para avançarmos no campo da formação docente.

REFERÊNCIAS

- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael R. P; RIBEIRO, Elisa A. **A técnica do questionário na pesquisa educacional.** Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.
- CORRÊA, Jacqueline Barcelos. **O medo de escrever: problemas da narrativa entre alunas/professoras do PARFOR/UENF.** Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense - Campos dos Goytacazes, RJ, 2014.
- FIAD, Raquel S. **A escrita na universidade.** Revista da Abralín, v. eletrônico, n. especial, p. 357-369, 2aparte, 2011.
- FISCHER, Adriana. **A construção de letramentos na esfera acadêmica.** Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula: leitura e produção.** Cascavel:Assoeste, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3 ed. São Paulo : Atlas, 1991.
- KRAMER, Sônia. SOUZA, S.J.(org.) **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Ática, 1996.
- KRAMER, Sonia. **Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação.** *Cad. Pesqui.* [online]. 1999, n.106, pp. 129-157. ISSN 0100-1574.
- MARINHO, Marildes. **A escrita nas práticas de letramento acadêmico.** Belo Horizonte, Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.
- MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.